

singularidades e ambigüidades lexicais que lhe tornam difícil a leitura. É verdade que *Antinous* não tem a sublime simplicidade de certos poemas do *Cancioneiro* ou do *Guardador de Rebanhos* nem o fulgor das *Odes* de Campos. Podemos interrogar-nos sobre a natureza da “sinceridade” de tal evocação, num inglês simultaneamente solene e sugestivo, de um amor grego vivido no Egito por um imperador romano. *Antinous* é sem dúvida obra “fabricada”, em que a busca da beleza formal tem algo de parnasiano. Nada obstante, não posso deixar de ver nela uma homenagem e uma confissão: homenagem à língua inglesa, que Pessoa engrandece com novidades espantosas, ainda que se deixe “abafar” um pouco sob as figuras de sintaxe e os arcaísmos; e confissão da homossexualidade latente, que lhe é componente da personalidade. Confissão que vai juntar-se a indícios semeados aqui e ali em toda a obra, como os “hetários impossíveis” da *Marcha Fúnebre para o Rei Luís Segundo da Baviera*.²⁰ Não vou falar das declarações, essas muito explícitas, da *Ode Marítima*, a não ser para fazer notar que há no poeta duas formas de sensibilidade homossexual, que se distinguem no século XVII francês pelos termos *bougre* e *bardache*. Numa nota, provavelmente de 1915, talvez escrita a propósito de Shakespeare, encontramos um esboço de auto-retrato: “Não encontro dificuldade em definir-me: sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que dela procedem [...] são de mulher. As minhas faculdades de relação — a inteligência, e a vontade, que é a inteligência do impulso — são de homem. Quanto à sensibilidade, quando digo que sempre gostei de ser amado, e nunca de amar, tenho dito tudo. [...] Agradava-me a passividade...” E dá exemplos de inversões semelhantes à sua: a de Shakespeare e a de Jean-Jacques Rousseau. Mas no imperador Adriano, como no poeta António Botto, de quem alguns anos mais tarde se fará defensor, é a “inteligência” homossexual que predomina.

Pessoa amou uma mulher, Ofélia, a ponto de pensar em casar com ela, ou de fingir que pensara nisso. Sua obra é cheia de poemas e de páginas de prosa que exaltam a mulher amada — sempre virgem, se possível mãe, e de preferência ausente. É um devoto do Eterno Feminino, mas esse culto da feminilidade, em si, situa-se num espaço ima-

²⁰OPP, II, 991.

terial, longe da esfera dos sentidos, fora do corpo. Pergunto-me se sua vocação inconsciente não seria satisfazer simultaneamente duas exigências contraditórias, que um Gide, entre outros, conseguiu perfeitamente conciliar: casar com a alma de uma mulher e com o corpo de rapazinhos.